

Análise das Traduções em Chinês do Prefácio do Livro do Desassossego sob a Perspetiva da Teoria do Construto

Zhang Yujia

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE MACAU

UNIVERSIDADE NORMAL DE SHANDONG

ABSTRACT

This article proposes a linguistic-textual analysis model inspired by the construal theory of Ronald W. Langacker, with its application in a study of four Chinese translations of the preface of the *Book of Disquiet*, posthumous work by Fernando Pessoa with authorship attributed at last to semi-heteronym Bernardo Soares. In the preface, the empirical author invents the encounter of a first-person narrator with the fictional author of the *Book* in a restaurant in Lisbon. Our analysis aims to understand in what way and at what level those translations retell the story told by the original preface in line with the linguistic-textual manifestations of the construal operations.

Keywords: *Book of Disquiet*; translation studies; construal; Ronald W. Langacker; indirect translation

Este artigo propõe um modelo de análise linguístico-textual inspirado na teoria do construto de Ronald W. Langacker, com a aplicação do mesmo num estudo de quatro traduções em chinês do prefácio do *Livro do Desassossego*, obra póstuma de Fernando Pessoa com autoria atribuída por fim ao semi-heterónimo Bernardo Soares. No prefácio, o autor empírico inventa o encontro do narrador “eu” com o autor ficcional do *Livro* na sobreloja dum restaurante lisboeta. A nossa análise procura saber de que forma e em que nível é que as traduções recontam a história contada pelo prefácio original por meio das manifestações linguístico-textuais das operações do construto.

Palavras-chave: *Livro do Desassossego*, estudos de tradução, construto, Ronald W. Langacker; tradução indireta.

Introdução

Fernando Pessoa (1888 - 1935), figura representativa da literatura portuguesa e do modernismo europeu, é conhecido pelas práticas de escrita heteronímica e pela abundância das obras que finalizou ou projetou. Um dos seus trabalhos mais notáveis é o *Livro do Desassossego* (*LdoD, Livro*), uma fascinante coleção de textos em prosa que, conforme o site da Casa Fernando Pessoa (2022), já foi traduzida para cerca de quarenta línguas.

Desde antes mesmo do lançamento da primeira edição completa em 1982, o *Livro* tem provocado debates quanto à sua organização editorial. A razão principal disso é que, durante as duas fases da composição do *Livro*, Pessoa mudou de ideias em relação à atribuição da autoria, não chegando a concluir em vida nem a tarefa de escolher textos nem a de adaptar os textos anteriormente produzidos aos traços psicológicos e estilísticos de Bernardo Soares, personagem-autor de atribuição já tardia. Perante as centenas de papéis soltos manuscritos e datilografados encontrados na arca pessoana, as discrepâncias na transcrição, seleção e ordenação dos textos e o desenvolvimento das técnicas do exame dos materiais dão origem a várias edições do *LdoD*. A seguir, de uma única edição em português, podem derivar-se traduções em diferentes línguas e diferentes traduções numa só língua, tendo cada uma delas o potencial de praticar os próprios princípios de organização de textos. Assim o *Livro* se vai multiplicando.

Detetando cinco traduções em chinês do *LdoD*, este artigo pretende analisar as versões em chinês do prefácio do *Livro* dum ponto de vista cognitivista. Com base na noção e nas dimensões do *construto*¹ da Gramática Cognitiva (GC) de Ronald W. Langacker (2008; 2015), reconhecemos o prefácio em português como a primeira conceção da história que Pessoa intenta contar e as traduções como meios alternativos de conceber a mesma, e tentamos explorar de que forma e em que nível é que estas tratam o que tratou aquele.

Tradução do *Livro do Desassossego* na China

Até outubro de 2022, na China foram publicadas cinco traduções do *Livro do Desassossego*. Apresentamo-las (Tabela 1) por ordem da data de publicação das respetivas primeiras edições, referindo os nomes dos tradutores, que nos casos de tradução incompleta assumem também o papel de organizador, os títulos em chinês do *Livro* com *pīnyīn* e tradução reversa para o português, e as informações de publicação de cada edição das traduções.

¹ Tradução nossa do termo em inglês “construal”.

Tabela 1: *Livros do Desassossego* em chinês

Tradutor	Título	Edição
张维民 ZHANG Weimin	不安之页 [bù ān zhī yè] Folhas do Desassossego	1. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
韩少功 HAN Shaogong	惶然录 [huáng rán lù] Caderno da Inquietude	1. Xangai: Shanghai Literature & Art Publishing, 1999/2004/2012/2017/2019. 2. Taipé: China Times Publishing, 2011.
陈实 CHEN Shi	不安之书 [bù ān zhī shū] Livro do Desassossego	1. Changsha: Hunan Literature & Art Publishing, 2006. 2. Cantão: Flower City Publishing, 2021
刘勇军 LIU Yongjun		1. Pequim: China Federation of Literary & Art Publishing, 2014. 2. Pequim: China Friendship Publishing, 2019. 3. Taipé: YEREN Publishing, 2017/2019.
金心艺, 周淼 JIN Xinyi, ZHOU Miao		1. Pequim: Beijing United Publishing, 2022.

A primeira tradução, de apenas cinco trechos do *Livro*, chegou ao público em 1988 como a última parte duma antologia bilingue português-chinês de Fernando Pessoa. A seleção, tradução e anotação de textos foi efetuada por Zhang Weimin. Licenciado em espanhol e competente em português por aprendizagem posterior, o tradutor pioneiro recebeu apoio do Instituto Cultural de Macau para compor a antologia no âmbito das comemorações do centenário de nascimento do escritor português (Ponto Final 2018). A segunda tradução nasceu da vontade de Han Shaogong em compartilhar o prazer sentido na leitura do *LdoD* e estimular trocas de ideias com outros leitores (1999, 5). Han confessa que estava interessado mais pelo conteúdo do que pela polémica organizacional do *Livro*, por isso não teve dificuldade em excluir fragmentos que sentia como repetitivos (4-5). O seu trabalho ganhou popularidade entre o leitor comum, apesar de ter sofrido críticas de mudar bastante o conteúdo do original (Zhou 2016, 276). A

terceira tradução faz parte duma série de seleção de obras de grandes ensaístas orientais e ocidentais. A bela tradução foi feita por Chen Shi. Sobre a tradutora que viveu sozinha por sua própria escolha, e “conseguiu somente trabalhar desse jeito” (Yi & Huang 2021, 56)², encontramos pouca informação. Sabemos que aprendeu esperanto quando era jovem e trabalhou como tradutora inglês-japonês no tempo da WWII (Yu 2021). Colaborou com o poeta e editor Peng Yanjiao na divulgação de autores de línguas latinas desde os anos de 1980 (Yi 2013) e ganhou a fama de ser especialista em tradução do espanhol das poesias de Federico García Lorca e de Pablo Neruda. Não vemos, porém, prova de que saiba português. A quarta tradução é conhecida como a primeira versão completa do *LdoD* em chinês. O tradutor Liu Yongjun é um freelancer prolífico de grande sucesso comercial e com um estilo popular de linguagem. A quinta tradução é realizada pela junção de esforços de duas jovens tradutoras e investigadoras, Jin Xinyi e Zhou Miao.

Um processo explorativo e regressivo que combina a pesquisa paratextual, a leitura textual e a aquisição das versões do *LdoD* provavelmente envolvidas na história de tradução do *Livro* para o chinês, ajuda-nos a identificar os textos-fonte das cinco traduções. No prefácio da referida antologia, Zhang (1988, 4) indica, sem deixar margem para dúvidas, que a seleção e tradução dos trechos do *LdoD* tem como base “os textos transcritos por Dr. Maria Aliete Galhoz e Dr. Teresa Sobral Cunha e publicados pela editora Ática em 1982”. Nos textos que explicam a tradução, Han (1999, 4; 2019, 402) informa que selecionou 4/5 dos fragmentos dum *Livro* em inglês publicado em 1991, o que nos dirige à versão da editora Serpent’s Tail, traduzida por Margaret Jull Costa e organizada por Maria José de Lancastre. Os elementos paratextuais da tradução de Chen (2006), de cerca de 1/3 do *Livro*, não nomeiam o texto-fonte, mas contêm informações originárias da “Introdução” da edição de Richard Zenith publicada pela editora Assírio & Alvim em 1998. Tendo em consideração a capacidade linguística da tradutora, procurámos pelas traduções em inglês, em japonês e em espanhol dessa edição portuguesa que são publicadas antes de 2006 e encontrámos uma em espanhol feita pelo escritor argentino Santiago Kovadloff (2000), uma em inglês traduzida por Zenith em 2001 e integrada na série “Penguin Classics” em 2002, e uma outra versão em espanhol feita pelo académico espanhol Perfecto Cuadrado Fernández (2002). Entre essas três traduções, não conseguimos acesso ao livro completo de Kovadloff (2000) e a leitura das primeiras frases dos fragmentos de Zenith (2002) e Fernández (2002) sugere a tradução em inglês como o original de Chen (2006). Ao mesmo tempo, algumas frases do prefácio traduzido por Chen têm estrutura muito semelhante àquela das frases da tradução de Costa. Neste caso, cremos que a tradutora consultou ambas as versões em inglês disponíveis no seu tempo

² Citação direta do texto referencial em chinês ou em inglês por tradução nossa, aqui e abaixo.

(de Costa e de Zenith) para produzir a tradução. A segunda edição da tradução de Liu (2019) tem declaração de direitos reservados à tradução de Zenith (2015) integrada na série “Penguin Modern Classics”, uma atualização de Zenith (2002) integrada na série “Penguin Classics”. A tradução de Jin & Zhou (2022) é a única versão completa do *LdoD* traduzida diretamente do português para o chinês. As tradutoras elegeram a edição de 2014 da editora Tinta-da-China, conseguiram autorização e receberam apoio do organizador Jerónimo Pizarro. A capa do *Livro* em chinês mostra o nome de Pizarro juntamente com o nome de Pessoa e os nomes das tradutoras.

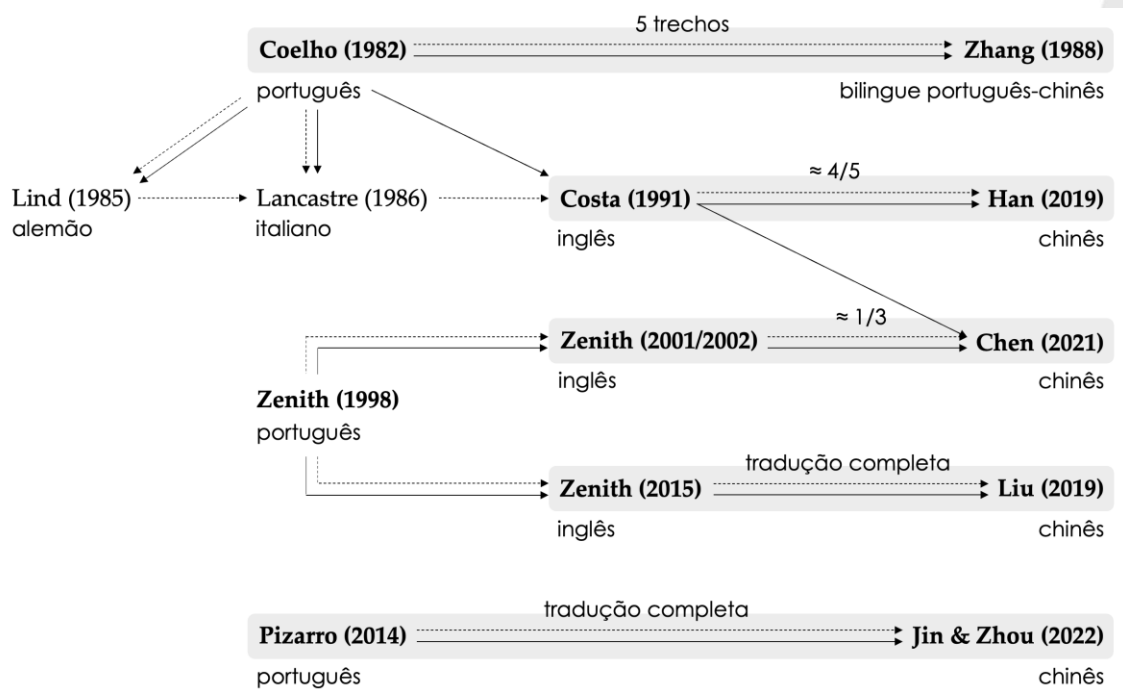


Gráfico 1: Correspondência linguística e organizacional

Em suma, entre as cinco traduções em chinês do *LdoD*, duas são traduções completas, três são parciais; duas são traduzidas a partir do português, três são traduzidas por via do inglês, pois o português não era inteligível para o tradutor ou a tradutora. O Gráfico 1 ilustra as relações de correspondência entre os *Livros* em chinês (edição mais recente), as edições originais em português e as versões intermédias em inglês. No Gráfico, as linhas sólidas indicam transição linguística, as linhas tracejadas demarcam seguimento organizacional, e as tiras cinzentas lembram as versões do *Livro* efetivamente trabalhadas pelos tradutores chineses.

Desenho do Estudo

Esta seção destina-se a expor e resolver três questões teórico-metodológicas interligadas e fundamentais para o estudo, nomeadamente i) a determinação do material de análise, ii) o esclarecimento do princípio de análise e iii) a proposta do modelo de análise.

Material de Análise

Devido à natureza fragmentada e inacabada do *LdoD*, acontece que cada edição do *Livro* pode organizar o prefácio da sua forma particular. Entre as três edições em português envolvidas na história de tradução do *Livro* para o chinês, Coelho et al. (1982) não tem prefácio, mas apresenta o texto iniciado com “Ha em Lisboa ...” como o fragmento n.º 11, imediatamente depois de algumas notas de Pessoa destinadas à organização do *Livro* e uma carta à sua mãe. Zenith (1998) combina este trecho com o trecho “Ele mobilara ...” para formar um texto maior, intitula-o “Prefácio” e junta ao título o nome de Fernando Pessoa. Pizarro (2014) identifica cinco trechos como o componente prefacial das escritas realizadas na primeira fase da composição do *LdoD*. Estudando os textos e os respetivos papéis soltos que Pessoa guardava (Portela & Silva, 2017), propomos o trecho “Há em Lisboa ...” como o objeto da nossa análise, porque este foi entregue à transcrição datilógrafa, foi marcado como prefácio e está incluído em todas as três edições em português do *Livro* (Tabela 2).

Tabela 2: Prefácios do *Livro do Desassossego*

Trecho	1982	1998	2014	Formato	Marcação
“Há em Lisboa ...”	11	pref.	pref. 1	datilografado	L do D (Prefacio).
“O meu conhecimento ...”	/	ap. 1	pref. 2	manuscrito	L do D. Pref
“O homem magro ...”	116	ap. 7	pref. 3	manuscrito	L d D. ①
“Ele mobilara ...”	/	pref.	pref. 4	manuscrito	L. do D - Prefacio
“... este livro suave ...”	/	ap. 2	pref. 5	manuscrito	/

Quanto às versões em inglês, Costa et al. (1991) tem um fragmento prefacial, intitulado “Introduction [linha de separação] Bernardo Soares” e assinado por Fernando Pessoa, cujo conteúdo é idêntico com o do prefácio “Há em Lisboa ...”. A tradutora seguiu a organização da edição italiana (Lancastre & Tabucchi, 1986) que distingue o devido prefácio dos 259 fragmentos numerados com o rótulo em letras maiúsculas “[FERNANDO PESSOA PRESENTA BERNARDO SOARES]”. As traduções de Zenith (2002; 2015) reproduzem o prefácio da edição portuguesa

(Zenith 1998). Finalmente, todas as traduções em chinês mantêm inalterada a unidade prefacial dos respectivos textos-fonte. Assim se forma o corpus trilingue de textos que vamos analisar (Tabela 3).

Tabela 3: Corpus de análise

em português	em inglês	em chinês
“Ha em Lisboa ...” (Coelho et al. 1982)	“Installed on the ...” (Costa et al. 1991)	“在里斯本...” (Han 2019)
“Há em Lisboa ...” (Zenith 1998)	“Lisbon has ...” (Zenith 2002)	“里斯本...” (Chen 2021)
	“Lisbon has ...” (Zenith 2015) ³	“里斯本有...” (Liu 2019)
“Há em Lisboa ...” (Pizarro 2014)	/	“里斯本有...” (Jin & Zhou 2022)

Princípio de Análise

Há dois aspetos dignos de atenção no que se refere ao princípio de análise. Em primeiro lugar, os textos no corpus vão ser analisados de forma distinta e com objetivo diferenciado. Das três versões em português, a leitura primária visa conhecer as diferenças na transcrição do texto, dominar o conteúdo e a estrutura da história e identificar as categorias da narrativa; a análise baseada num modelo derivado da teoria do construto (Langacker, 2008; 2015) visa explorar como é que as atividades mentais na conceção da história ganham corpo no texto via usos de linguagem. Os textos em chinês serão estudados com o mesmo modelo, de forma a descrever as convergências e divergências entre cada uma delas e o prefácio em português. E os textos em inglês, com a identidade dupla de serem traduções dos originais em português e originais das traduções em chinês, serão estudados com o intuito de identificar as características que as traduções herdam destes.

Em segundo lugar, a nossa análise textual será comparativa por natureza e tomará a posição descritivo-explicativa. Convencionalmente, se for num estudo prescritivo de tradução que assenta na supremacia do texto-fonte, a análise acaba por dizer a correção ou adequação das traduções já feitas, assim como estabelecer regras para as traduções a fazer no futuro. Se for num estudo descritivo que trata a tradução como “facto na cultura-alvo” (Toury 2012, 23) e aprecia as “reescritas” (Lefevere 2014), entendidas como as “manipulações do texto-fonte para um determinado propósito” (Hermans 2014, 11) manifestas e dignas em todas e cada

³ Os prefácios em inglês de Zenith (2002) e Zenith (2015) têm apenas duas pequenas diferenças entre si. São elas “dining room with the **solid** / **heavy** and homey air” no parágrafo 1 e “the man worked in an office **near by** / **nearby**” no parágrafo 6.

tradução, a análise tende a revelar semelhanças e diferenças entre o original e a tradução, e costuma introduzir fatores socioculturais na explicação da produção textual. No presente estudo, que pretende explorar as atividades cognitivas por trás de textos e linguagens, a análise visa mostrar as características das traduções e formular-lhes hipóteses de explicação. Se por acaso empregarmos termos como “fidelidade” e “equivalência” na discussão da análise, será somente para facilitar a expressão. Não intentaremos lançar discussões sobre a correção ou adequação das traduções, nem defender a subordinação do texto traduzido ao texto original.

Modelo de Análise

Com a intenção de explorar de que forma e em que nível é que as traduções em chinês reconstituem a história e as situações que constituiu o prefácio “Há em Lisboa ...”, desenvolvemos um modelo de análise linguístico-textual a partir da operacionalização da teoria do construto da GC.

O linguista fundador da GC, Ronald W. Langacker, define o construto como “a capacidade humana de conceber e retratar uma única situação por meios diferenciados” (2006/2017, 14). Na prática, o termo também se usa para referir uma determinada conceção, o processo mental que o sujeito de cognição percorre ao realizar uma concetualização, ou qualquer efeito que o sujeito produz sobre o objeto de cognição no sentido mais genérico. A devida noção não é novidade, dado que o seu análogo já existiu há bastante tempo numa outra disciplina. Na verdade, foram os linguistas cognitivistas quem foi buscar suportes para a visão empírica e construtivista do *significado* aos psicólogos que estudam a cognição incorporada e situada (Shapiro 2014; Robbins & Aydede 2009). Encurtando uma história longa, os linguistas cognitivistas defendem que não existe sentido *a priori*. O significado duma expressão linguística não é apenas o conteúdo concetual que contém. Na GC, o significado é equiparado com a concetualização (Langacker 1987, 5) praticada por um sujeito detentor de certas experiências, num dado contexto e duma forma particular. Em palavras mais simples, na construção do significado, o construto é tão importante como o conteúdo.

Ao contrário da clareza nocional, Langacker parece hesitar em elaborar as dimensões do construto, que a nível operacional são “um conjunto de fatores concetuais relevantes para a descrição léxico-semântica” (2015, 120). Para tornar mais acessíveis os conceitos, o linguista compara as dimensões do construto aos aspetos básicos da perceção visual. Dois artigos em que sistematiza as reflexões sobre o assunto datam respetivamente de 2008 e 2015.

Na monografia *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*, Langacker dedicou um capítulo para apresentar quatro categorias vastas do fenómeno do construto. A Especificidade (Langacker 2008, 55-57) denota “o grau de precisão em que uma

situação é caracterizada”, cujo oposto é a Esquematicidade que designa o grau de esquematização. A nível lexical, vocábulos variando de especificidade podem estabelecer relações de taxonomia (ex. estabelecimento > loja > tabacaria); a nível sintagmático, expressões mais longas costumam apresentar maior especificidade (ex. na face > na face pálida > na face pálida e sem interesse). A Focalização (57-65) tem duas subcategorias, a seleção e a *foregrounding*. A seleção é “a ativação dum escopo numa matriz de domínios cognitivos”. Nesta definição, o domínio cognitivo é, na sua essência, um domínio da experiência com potencial concetual no qual as estruturas semânticas podem ser caracterizadas (Langacker 2006/2017, 5-6) e o escopo terá camadas. Por exemplo, ao descrever um cliente dum restaurante, todo o cenário do restaurante no momento de enunciação vai ser ativado como o escopo máximo do construto, e a clientela do restaurante será ativada como o escopo imediato. A *foregrounding* é a distinção de uma porção do escopo ativado como *foreground* em contraste com o resto do escopo que é *background*. A título de exemplos, numa metáfora concetual entendida como um mapeamento entre dois domínios concetuais (Lakoff 2006), o domínio-fonte serve de *background* e o domínio-alvo fica em *foreground*; numa narrativa, a descrição dos personagens é parte do *background* e o que eles fazem constitui o *foreground*; na formação de palavras por composição, os elementos componentes servem de *background* para apresentar a palavra compósita que está no *foreground*. A categoria Proeminência (Langacker 2008, 66-73) não tem definição precisa. Tendo criado confusão por declarar a Focalização como um tipo de proeminência, o linguista elencou mais dois tipos de proeminência, que são a *profiling*, e o arranjo de *trajector/landmark* que ocorrerá em alguns processos de *profiling*. A *profiling* diz respeito à elevação de certa subestrutura numa região já ativada a certo nível de saliência; esta região é o referido escopo imediato e a subestrutura ganha o nome de perfil. Uma expressão linguística pode perfilar coisa ou relação. Na *profiling* da relação com participantes de graus desiguais de saliência, o participante mais salientado conhece-se como *trajector*, e o(s) de menor saliência funciona(m) como *landmark* (Langacker 1987, 231-243), tal como na descrição dum pessoa comendo, a pessoa é o *trajector* e a comida serve de *landmark*. A Perspetiva (Langacker 2008, 73-85) divide-se em dois aspetos: o arranjo de observação e a dimensão temporal. O arranjo de observação decide o relacionamento global entre o observador e o que está a ser observado, no qual se destacam noções como o sujeito e o objeto do construto, o ponto de observação, o contexto do construto, etc. A dimensão temporal tem que ver com a ordem da concetualização decidida pela escolha do ponto de referência, a diferença entre o tempo que é objeto de concetualização e o tempo em que a concetualização tem lugar, e como é que os três decidem o custo cognitivo e a classificação de três tipos de *scanning* mental.

Anos depois, para a coletânea *Handbook of Cognitive Linguistics*, Langacker contribuiu com uma reformulação das dimensões do construto (agora cinco no total), conservando a grande maioria das noções que tinha proposto e alterando a forma de as organizar. Em comparação com a formulação anterior, a dimensão Especificidade desapareceu, mas a noção ficou e torna-se subordinada a nova dimensão Seleção (Langacker 2015, 125-127), que era uma das duas subcategorias da antiga dimensão Focalização. A Seleção considera a especificidade e a *profiling* dois fatores seletivos adicionais (apesar de o linguista não relatar nenhum fator que não seja adicional). A dimensão Focalização foi abandonada, e também a sua subcategoria *foregrounding*. A dimensão Proeminência sobreviveu e ganha uma conotação mais ampla (127-131). O linguista propõe quatro categorias de proeminência. Em particular, a proeminência inerente refere-se às assimetrias cognitivas estruturadas na mente do ser humano, como o privilégio na concepção do espaço sobre o tempo, do total sobre as partes, de objetos físicos sobre noções abstratas, dos seres humanos sobre os não-humanos; e a proeminência linguística é conferida por meios fonológicos, lexicais e sintáticos. A proeminência *onstage* expressa-se com o elemento saliente na concetualização; e a proeminência *offstage* tem como o centro o sujeito que molda a concetualização. As noções de perfil, *trajectory* e *landmark* mantêm-se no seu lugar, e a noção de escopo fica junta a elas. A dimensão Perspetiva (121-125) continua a existir, mas foi reduzida para tratar exclusivamente da questão do arranjo de observação, ao passo que a antiga dimensão temporal, atualmente chamada Dinamicidade (131-135), fica promovida como dimensão autónoma. A nova dimensão Imaginação (pp. 135-138) apresenta quatro capacidades mentais como a principal base intelectual do processo de construto, a saber: extensionalidade, integração, desengajamento, abstração.

Entendemos que a teoria do construto é tão inspiradora quanto ambígua. Por um lado, a noção do construto sugere um novo aspeto da análise linguístico-textual, indo além da dicotomia forma-conteúdo de longa data; por outro lado, as sobreposições terminológico-concetuais das dimensões do construto devem ser tratadas para que não causem confusão na análise.

A nossa reflexão sobre a teoria do construto tem como objetivo propor um modelo de análise linguístico-textual que elimina a ambiguidade terminológico-concetual e pratica o raciocínio dedutivo. Apresentamos no Gráfico 2 o modelo, defendendo uma análise em duas fases. A fase de preparação estuda o arranjo geral de sujeito, objeto e contexto do construto e a fase de avaliação explora as manifestações linguístico-textuais de três operações fundamentais do construto. Nomeadamente, a *scanning* trata da ativação duma série de entidades cognitivas por ordem sugerida pelas suas representações linguísticas; a *profiling* refere-se à elevação duma entidade ativada como o perfil de um escopo, quer concetual

quer espaço-temporal; a *specifying*⁴ decide o grau de precisão da descrição duma entidade ativada através de escolha lexical, estruturação gramatical, e por vezes também de registo escrito de recursos fonológicos.

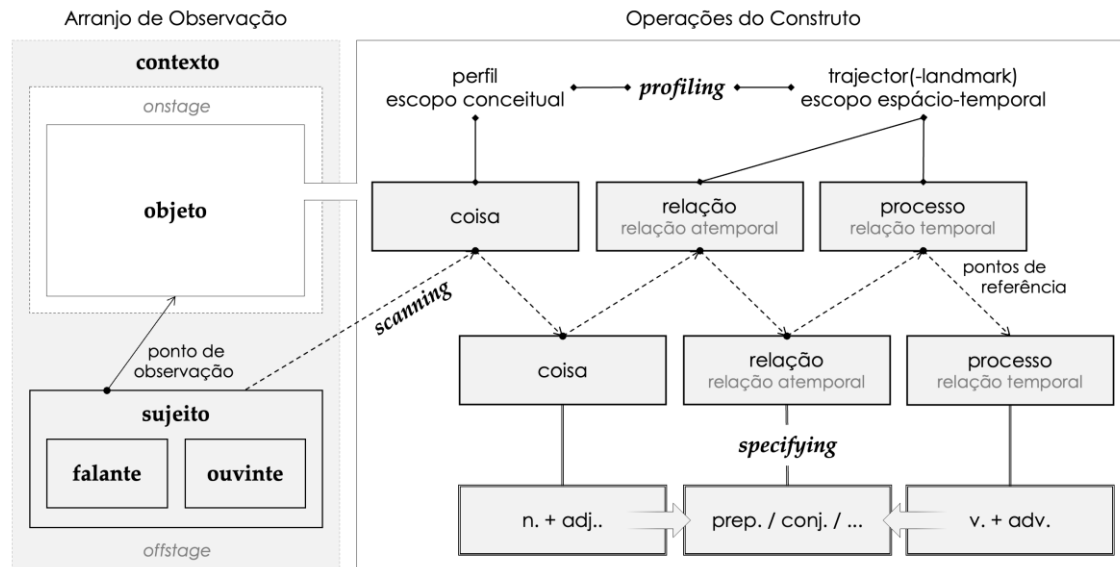


Gráfico 2: Modelo de análise das manifestações linguístico-textuais do construto

O arranjo geral do construto simplifica o arranjo de observação de Langacker (2008, 73-78; 2015, 123-125). No arranjo, o sujeito refere-se aos interlocutores que interagem na produção dum discurso, sendo convencionalmente um falante e um ouvinte; o objeto é a situação que está a ser concebida no discurso corrente; o contexto serve de base do construto do discurso corrente, sendo estabelecido com informações dadas pelos discursos anteriores todos juntos. No arranjo em que o falante e o ouvinte estejam no mesmo espaço e tempo, o ponto de observação é a localização real deles (2008, 75). No entanto, se for o caso das obras literárias, é habitual que o falante-autor e o ouvinte-leitor se separem espaço-temporalmente, fazendo com que o ponto de observação seja a localização do narrador fictício falando em lugar do autor físico. Além disso, no arranjo em que o falante e o ouvinte prestem toda a atenção a um objeto nada relacionado com nenhum deles, dizemos que o sujeito do construto é plenamente *offstage* e o objeto do construto é plenamente *onstage*. Na prática, porém, a sobreposição total ou parcial entre o sujeito e o objeto é bem possível, justamente quando os pronomes de primeira ou segunda pessoa entrarem em uso.

O objeto do construto será processado com as três operações de *scanning*, *profiling* e *specifying*. Langacker discute três tipos de *scanning* (2008, 82-85; 2015, 131-135). Em palavras breves, a *scanning*₁ sequencial significa, metaforicamente,

⁴ Termo criado para referir a operação de dar *Specificity* (traduzimos por Especificidade) à entidade-destinatário.

passar os olhos pelas múltiplas fases instantâneas duma entidade complexa uma após a outra, enquanto a *scanning*₂ sumária, ao tomar o acesso a uma fase duma entidade complexa, mantém simultaneamente acessíveis as fases anteriores até à ativação inteira de toda a entidade. Além de *scanning*₁ e *scanning*₂ a fazer com entidade singular, há um terceiro tipo de *scanning*₃ chamada “reference point relationship” (2008, 83), que aproveita uma entidade ativada como o ponto de referência para ativar outras entidades (2015, 134). A *scanning*₃ implica a transição de atenção entre as entidades componentes duma situação concebida. O Gráfico 2 retrata-a com uma linha tracejada com seta, embora na prática o processo não seja sempre linear nem unidirecional.

Langacker identifica também três tipos de *profiling* (2008, 66-70; 2015, 123-131), sendo a *profiling*₁ de coisa, a *profiling*₂ de relação atemporal e a *profiling*₃ de relação temporal, ou seja, de processo. Lembrando a categorização de entidades cognitivas (Langacker 1987, 183-274; Fig. 7.5), a coisa “faz referência não a objeto físico, mas a evento cognitivo” (183) e a relação lida com as interconexões entre coisas ou outras relações (215). A coisa, mesmo quando contiver em si outras coisas interconectadas, é essencialmente diferenciada da relação, dado que nenhuma dessas coisas ou interconexões atinge o nível de proeminência como o todo da coisa (Fig. 7.4). A coisa é normalmente perfilada como um membro central ou periférico salientado dum escopo conceitual; é considerada atemporal e unifacetada, logo não pode ser sujeita à *scanning*₁ sequencial nem à *scanning*₂ sumária. Uma relação atemporal, caso seja unifacetada, pode ser perfilada pela assimetria de saliência entre os seus participantes; caso seja multifacetada, deve ser resultado da *scanning*₂ sumária dum processo. Um processo, ou uma relação temporal, é obviamente multifacetado, sendo delimitado pelo escopo temporal e muitas vezes também pelo escopo espacial. Por um lado, ele pode ser perfilado como uma parte ou o todo duma ação ou movimento; por outro lado, ele pode ser sujeito à *scanning*₁ sequencial ou à *scanning*₂ sumária, expressando-se como uma ação ou movimento imperfeita ou perfeita.

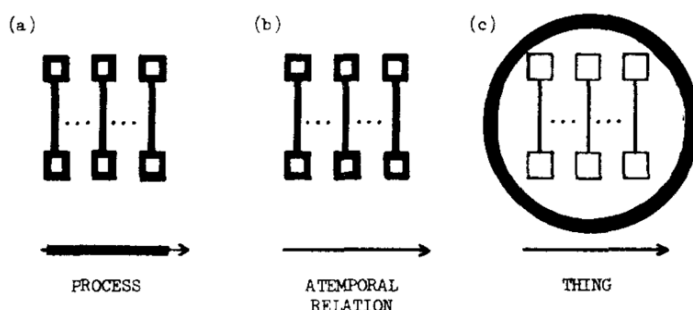


Fig. 7.4 (Langacker 1987, 247)

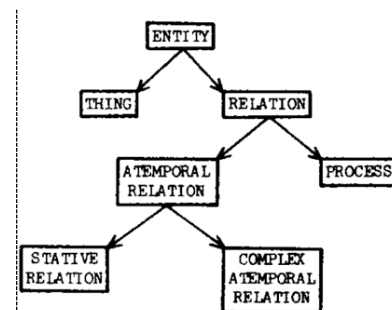


Fig. 7.5 (Langacker 1987, 249)

Além disso, segundo Langacker, a representação simbólica da coisa é nome, e sabemos que os determinantes e adjetivais atribuem qualidades aos nomes (83). A representação simbólica do processo é verbo e os adverbiais modificam o verbo (244). A relação atemporal compreende todas as entidades que não são coisa nem processo, cujos símbolos linguísticos serão palavras ou locuções de qualquer classe gramatical, incluindo, mas não apenas, preposição, adjetival e adverbial (214). Assim se conhecem os elementos linguísticos que devem ser estudados na análise da *specifying*. Quanto à especificidade, Langacker (2008, 56) acrescenta a observação de que podemos produzir uma expressão linguística tão específica quanto quisermos, desde que não haja limite à sua extensão. Disso depreendemos que uma entidade cognitiva pode ser especificada até qualquer extremo, e que, caso a *specifying* duma entidade seja muito longa e/ou detalhada, é possível que nela se englobem outras entidades cognitivas e outras operações de *scanning*, *profiling* e *specifying* lhes sejam aplicadas.

Lembramos também que as entidades cognitivas cuja expressão linguística é sintaticamente subordinada não serão obrigatoriamente menos salientadas nem menos especificadas na conceção semântica. Com efeito, a correlação negativa entre a hierarquia sintática e a saliência semântica implica a transição de atenção e a construção de conexão mental de uma entidade a outra. Será desta maneira que o processo do construto progride, como uma árvore gerando novos ramos. Aliás, a correlação positiva entre a saliência e a especificidade será provada na maioria dos casos.

Análise do Prefácio em Português

A leitura primária revelou que, embora as edições de Coelho et al. (1982), Zenith (1998) e Pizarro (2014) do prefácio “Há em Lisboa ...” difiram na transcrição⁵, os efetivos textos tratam do mesmo assunto: o narrador em primeira pessoa “eu” apresenta um indivíduo curioso, contando a história de como é que os dois, ambos fregueses habituais da sobreloja dum restaurante lisboeta, se foram familiarizando. A fim de facilitar a análise, sugerimos dividir o prefácio em três partes. A Parte I, que é o parágrafo 1 e a primeira frase do parágrafo 2 situa a história num espaço e tempo; a Parte II, que reúne o resto do parágrafo 2 e os parágrafos 3-6, traz ao palco e descreve os personagens da história; e a Parte III, que corresponde aos parágrafos 7-8, aborda as ações, ou melhor, as interações entre os dois personagens principais.

Na visão cognitivista o texto será interpretado da forma seguinte. No arranjo do construto, o sujeito-falante (FA) é patentemente o narrador participante em primeira pessoa indicado pelos pronomes “me”, “minha” e “eu”, por isso está

⁵ Ex. “que”, “[em] que” e “em que”; “em um” e “num”; “a [voz]” e “as [vozes]”.

onstage; o sujeito-ouvinte (OV) pode ser qualquer leitor do texto, neste caso *offstage* porque não é assinado por pronome de segunda pessoa ou qualquer expressão com função idêntica. O objeto (OJ) é a história que o autor empírico desejava comunicar com o texto, e o texto, contudo, é o que o narrador chegou a comunicar na verdade. O contexto do construto (CT) vai-se construindo com a progressão textual.

No parágrafo 1, as entidades cognitivas ativadas formam a sequência (S1) de “restaurantes ou casas de pasto” (ET1), “loja” (ET2), “sobreloja(s)” (ET3) e os clientes que se encontram lá (ET4). Na *profiling* de “restaurantes ou casas de pasto” (P1), “Lisboa” funciona como escopo máximo, e a devida frase implica que entre o escopo máximo e o perfil há um escopo imediato que integre todos os lugares na cidade que fazem negócios de servir refeições. Da *specifying* de “restaurantes ou casas de pasto”, sabemos que são de “pequeno número” (E1.1) e diferenciam-se de outros lugares para comer por terem uma divisão espacial específica (E1.2). A divisão lê-se na *profiling* duma relação atemporal, na qual uma loja com “feitio de taberna decente” (E2) serve de *landmark* e uma sobreloja com “feição pesada e caseira de restaurante de vila sem comboios” (E3.1) salienta-se como *trajector*. Sabemos também que as sobrelojas desse tipo são “salvo ao domingo pouco frequentadas” (E3.2). A condição de negócio delas é aprendida das *profilings* da relação dinâmica expressa pelo participio passado do verbo “frequentar”, que existe entre as sobrelojas-*landmark* e os clientes-*trajector* a entrarem e saírem e que varia entre os sete dias de semana. Os clientes das sobrelojas são “tipos curiosos, caras sem interesse, uma série de apartes na vida” (E4). Essa descrição é introduzida pela *profiling* da relação estática entre um não-dito observador-*landmark* e os clientes-*trajector* (P4) expressa pela passiva impessoal “encontrarem-se”. Estão no Gráfico 3 as entidades cognitivas e operações do construto identificadas no parágrafo 1.

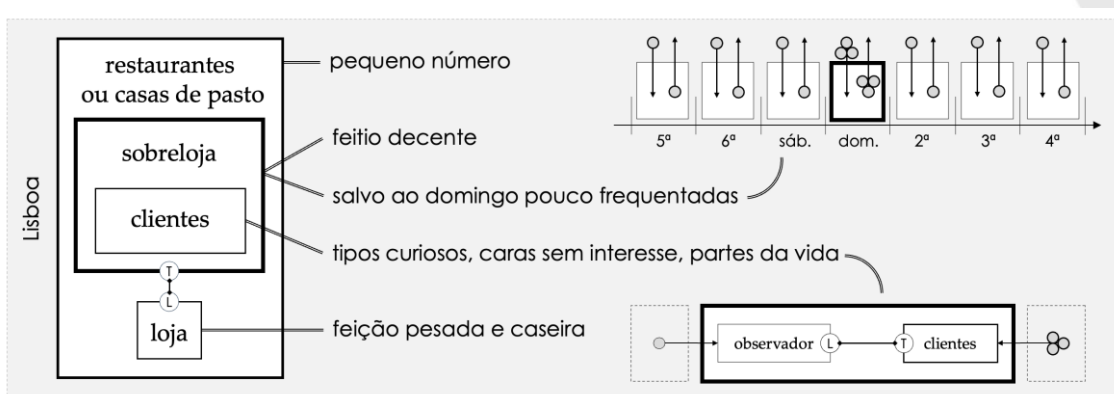


Gráfico3: Manifestações do construto no parágrafo 1

O parágrafo 2 coloca no palco o narrador (ET5) que foi levado por “o desejo de sossego” (E5.1) e “a conveniência de preços” (E3.3) a frequentar, num período da vida (CT1), uma sobreloja tal como o parágrafo 1 caracteriza (CT2), fazendo-nos conhecer também o contexto espacio-temporal. Nesse contexto e tomando o ponto de vista do falante *onstage*, a história continua com o episódio de “eu” encontrar (ET6) na sobreloja (P6.1) um indivíduo (ET7), que repetia quase sempre “quando [eu] calhava jantar pelas sete horas” (P6.2), estabelecendo uma relação estática entre o narrador e o indivíduo-protagonista. Na *profiling* da relação, o narrador serve de *landmark* para salientar o indivíduo-*trajector* (P6.3) “cujo aspeto, não me interessando a princípio, pouco a pouco passou a interessar-me” (E7.0).

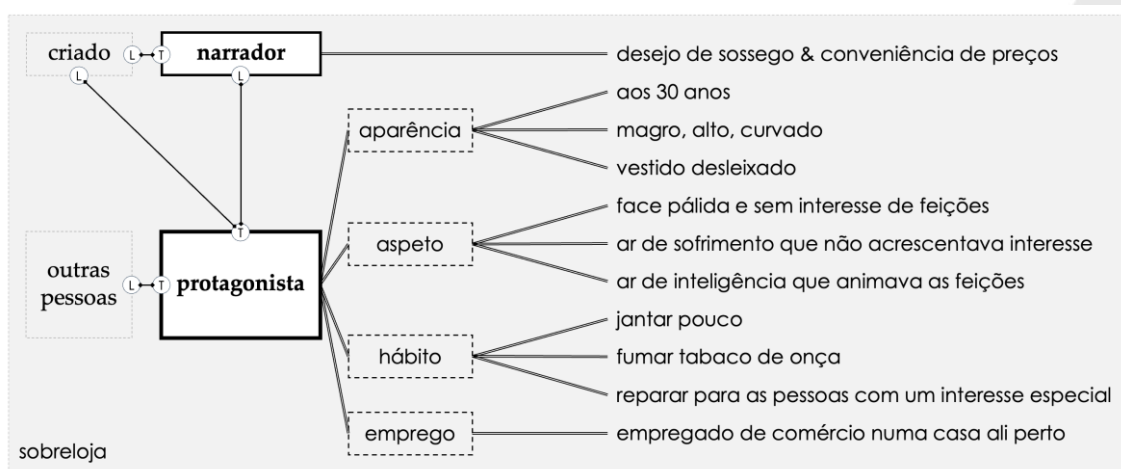


Gráfico 4: Manifestações do construto na Parte II

O Gráfico 4 mostra as entidades e operações identificadas na apresentação dos personagens. Nesta parte do texto, as entidades ativadas são por ordem (S2) o narrador, a sobreloja, o indivíduo, “as pessoas que estavam” na sobreloja e “um criado do restaurante”, sendo as duas últimas elementos do cenário. O homem que despertou a curiosidade do narrador “aparentava trinta anos” (E7.1). Era “magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé (E7.2) e “vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado” (E7.3). Na sua “face pálida e sem interesse de feições” (E7.4.1), um ar que parecia indicar “privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito” não acrescentava interesse (E7.4.2). Ele “jantava sempre pouco” (E7.5) e “acabava fumando tabaco de onça” (E7.6). Tinha um “traço curioso” (E7.7) de reparar “para as pessoas que estavam” com “um interesse especial”, não dum suspetador que as perscrutasse nem com o esforço de memorizar-lhes “as feições” ou “manifestações de feitio”. O narrador passou “a vê-lo melhor” e verificou “certo ar de inteligência” que “animava de

certo modo incerto as suas feições”, embora isso não cobrisse “o abatimento, a estagnação da angústia fria” (E7.4.3). Fechando a descrição, disse que “soube incidentalmente, por um criado do restaurante” que o homem “era empregado de comércio” numa “casa” perto do restaurante (E7.8).

Tendo o tempo, o espaço e os personagens clarificados, avançamos para as ações na história. As entidades cognitivas ativadas nos últimos dois parágrafos são uma série de processos que tiveram lugar em ordem cronológica (S3), sendo “uma cena de pugilato” (ET8), “os que estavam na sobreloja correram à janela” (ET9), o contato entre “eu” e o homem (ET10), os dois passaram a cumprimentar-se (ET11) e uma conversa entre eles (ET12), mais a revista *Orpheu* (ET13). O Gráfico 5 visualiza a sequência de ações e as entidades cognitivas envolvidas nela.

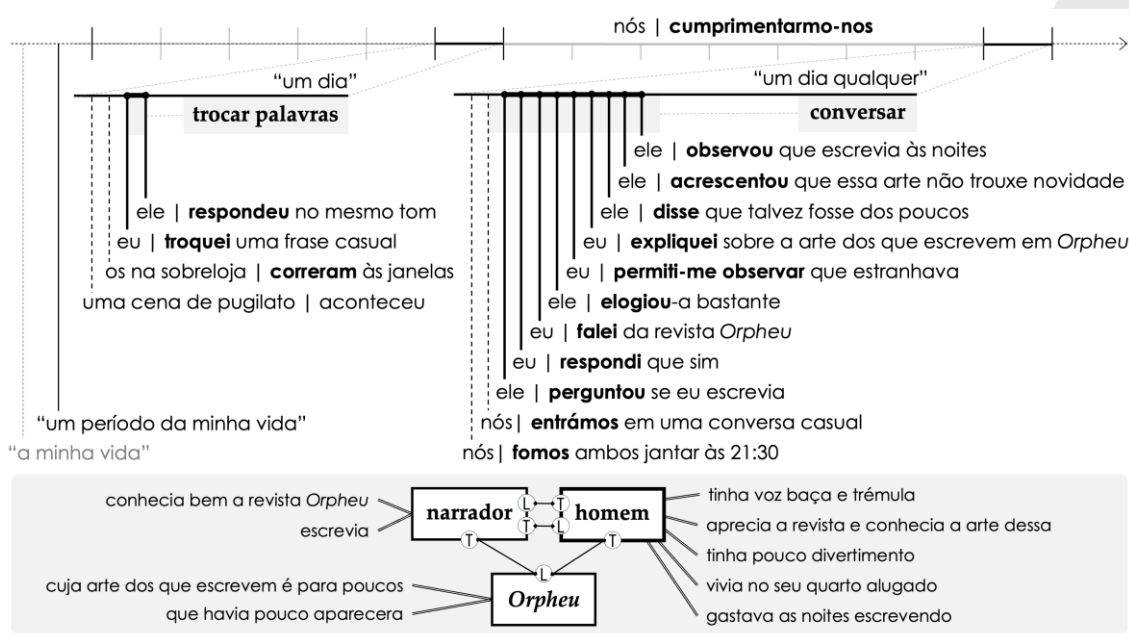


Gráfico 5: Manifestações do construto na Parte III

Na *profiling* do primeiro contato, o escopo temporal (P10) tem três camadas, sendo “um dia”, durante a “cena de pugilato entre dois indivíduos (E8)” que tinha acontecido “na rua, por baixo das janelas (P8)”, e depois de as pessoas que estavam na sobreloja, incluindo “eu” e o homem, correrem às janelas; o escopo espacial é obviamente às janelas da sobreloja. O contato consiste em duas ações únicas: “Troquei com ele uma frase casual” (E10.1), e “ele respondeu no mesmo tom” (E10.2). Ao falar da troca de palavras, o narrador não se ocupa com o que foi dito. O que lembrou é “a voz” do homem, que era “baça e trémula, como a(s) das criaturas que não esperam nada porque é perfeitamente inútil esperar” (E7.9), embora refletisse logo que “era porventura absurdo dar esse relevo”.

Desde aquele dia (P11) e por razão desconhecida (E11), o narrador e o seu “colega vespertino” passaram a cumprimentar-se. Estando acostumados um com o outro, num dia em que por coincidência foram ambos jantar “às nove e meia”, entraram “numa conversa casual” que os levou à discussão sobre um tópico que ia criando verdadeira intimidade entre eles. Na *profiling* desta conversa, o escopo temporal (P12.1) tem sobretudo duas camadas: um dia com certa distância àquele do primeiro contato, e depois de ambos terem chegado à sobreloja para jantar. A conversa devia ter lugar numa mesa que eles partilhavam. O narrador informa-nos sobre algum conteúdo da conversa. “A certa altura”, o homem perguntou se “eu” escrevia (E12.1). “Eu” respondeu que sim (E12.2) e falou-lhe da “revista *Orpheu* que havia pouco aparecera (E13.1)” (E12.3). Ele “elogiou-a, elogiou-a bastante” (E12.4). “Eu” pasmou, observou-lhe que estranhava (E12.5) e explicou que “a arte dos que escrevem em *Orpheu* sói ser para poucos (E13.2)” (E12.6). Ele disse que “talvez fosse dos poucos” (E12.7), acrescentou que já conhecia essa arte (E12.8), e explicou que, como não tinha para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, costumava passar as noites “no seu quarto alugado, escrevendo” (E12.9). À medida que a conversa avança, os dois trocam de papéis de *trajector* e *landmark* (P12.2), e o que disseram contribui para a *specifying* de si próprios. Aprendemos que o narrador escrevia (E5.2) e conhecia bem a revista *Orpheu* (E5.3). O homem aprecia a revista e conhecia a arte dos que escreviam nela (E7.10); não tinha divertimento especial (E7.11), vivia no quarto alugado (E7.12) e escrevia à noite (E7.13).

Análise das Traduções em Chinês

Tomando o prefácio em português como referência, vejamos as traduções. Antes de tudo, estudando os elementos paratextuais das versões em chinês e em inglês do *LdoD* envolvidas na análise, não encontramos nenhuma prova de que algum dos tradutores tivesse por finalidade a manipulação do texto original para qualquer propósito específico. Neste caso, acreditamos que o objeto do construto das traduções é igual àquele do texto original. Aliás, convém notar que a história que o Pessoa empírico desejava contar só existia na mente dele, e o que para os tradutores é tangível é a história materializada que o narrador “eu” efetivamente contou no prefácio. Já a proposição mais rigorosa será: as traduções trabalham o objeto que os tradutores acham igual ao do texto original.

Tabela 4: As traduções em chinês em comparação com o prefácio em português

	ARRANJO					S1		S2		S3		ET1				ET2		ET3		
	FA	OV	OJ	CT1	CT2	ET	OR	ET	OR	ET	OR	©	P	E1	E2	©	E	©	E1	
T1	V	F	V	V	F	F	V	F	V	V	V	V	F	F	F	V	F	V	F	
T2	V	V	V	V	F	F	V	V	V	V	V	F	V	F	V	F	V	F	V	
T3	V	F	V	V	F	F	V	V	V	V	V	F	F	F	V	V	V	V	V	
T4	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	
	—		ET4			ET5				ET6			ET7							
	E2	E3	©	P	E	©	E1	E2	E3	®	P1	P2	P3	©	E0	E1	E3	E3	E4.1	
T1	V	F	F	F	V	V	V	V	V	V	F	F	F	V	F	V	V	V	V	
T2	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	V	
T3	V	F	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	V	
T4	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	V	
	—											ET8			ET9	ET10				
	E4.2	E4.3	E5	E6	E7	E.8	E9	E10	E11	E12	E13	Ⓟ	P	E	Ⓟ	Ⓟ	P	E1	E2	
T1	F	V	F	F	F	V	F	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	F	F
T2	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V
T3	V	V	V	V	F	V	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	F
T4	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V
	ET11			ET12											ET13					
	®	P	E	Ⓟ	P1	P2	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	©	E1	E2		
T1	V	V	V	V	F	V	F	V	V	V	V	V	V	F	F	V	V	V		
T2	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	F		
T3	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	F		
T4	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	F	V	V	V	V	V	F		

Abreviatura: T1 = Han (2019), T2 = Chen (2021), T3 = Liu (2019), T4 = Jin & Zhou (2022); FA = falante, OV = ouvinte, OJ = objeto, CT = contexto; ET = entidade, OR = ordem; S = scanning, P = profiling, E = specifying; © = coisa, ® = relação atemporal, Ⓟ = processo; V = consistente com o original, F = inconsistente com o original.

Após as leituras comparativas, registamos as semelhanças e diferenças que cada tradução em chinês tem em relação ao prefácio em português (Tabela 4) e o número das semelhanças e diferenças (Tabela 5). As estatísticas informam que T1 é a tradução que introduz mais mudanças no conteúdo e construto da história; T2 e T3 têm em comum a maioria das divergências relativamente ao prefácio em português; T4 mostra um alto grau de precisão na reconstrução da história, sendo a versão com maior fidelidade ao original.

Tabela 5: Estatística dos resultados da comparação

	T1 (Han, 2019)	T2 (Chen, 2021)	T3 (Liu, 2019)	T4 (Jin & Zhou, 2022)
V	47	62	59	69
F	28	13	16	6

Características gerais das traduções em chinês

No que diz respeito às características comuns, todas as traduções em chinês conseguem reconstruir o essencial da história original de que “eu” e “um homem” encontraram-se num estabelecimento de comida em Lisboa e tornaram-se cada vez mais familiarizados, assim como da imagem do homem que vivia de forma modesta, tinha traços curiosos, escrevia e apreciava a literatura emergente na sua época. As maiores divergências entre elas e o prefácio em português observam-se na tendência a colocar no palco o ouvinte-leitor, atribuir maior autonomia ao falante-narrador, reformar o espaço da história, utilizar números aproximados, e explicitar a arte da revista *Orpheu*.

No que se refere ao sujeito do construto, todas as traduções em chinês têm como falante *onstage* o narrador em primeira pessoa “我” (eu); T1, T3 e T4 levam ao palco o ouvinte-leitor e tratam-no com o pronome de segunda pessoa “你” (tu)⁶. Quando fala dos clientes das sobrelojas em causa, T1 traduz a estrutura “one is as likely to encounter” (Costa) para “你...很可能遭遇” (tu provavelmente te deparas com); T3 traduz a expressão “one often comes across” (Zenith) para “你总能遇到” (tu podes sempre encontrar). Na visão da GC, o pronome indefinido “one” é considerado membro periférico do domínio concetual dos pronomes pessoais em inglês, e o pronome pessoal “你” é membro periférico do domínio concetual dos pronomes indefinidos em chinês. A substituição de “one” por “你”

⁶ O pronome pessoal “你”, quando usado como sujeito, pode ser “tu” ou “você” dependendo da situação. Para não trazer problemas adicionais, nas traduções reservas das frases em chinês para o português tratamos “你” por “tu” apenas.

é possível graças à eventual necessidade partilhada pelos falantes do inglês e do chinês de designar um indivíduo não especificado. A substituição em T1 e T2 é na essência a deslocação de atenção dum agente *onstage* indefinido para o ouvinte-leitor previamente *offstage*, levando este último para dentro da história e atribuindo-lhe um papel mais evidente. De forma semelhante, quando repõe o abatimento que “cobria tão regularmente” o aspeto do homem até “que era difícil descortinar outro traço” dele, T4 acrescenta “你” antes do verbo “descortinar”, aproximando o leitor da história.

Ainda sobre o sujeito, todas as traduções mostram a tendência a salientar e atribuir mais capacidade de agir ao falante-narrador. Por exemplo, a primeira frase do parágrafo 2 do prefácio original trata o narrador como complemento do verbo na expressão “levaram-**me** a ser frequente” na sobreloja onde ia encontrar o indivíduo protagonista. Todas as traduções em chinês reconstróem a frase da forma em que o narrador se torna o sujeito (ver Exemplo 1). A segunda frase do parágrafo trata o narrador como sujeito oculto, tomando o seu ponto de vista para apresentar o indivíduo. Essa presença *onstage*, porém, não faz o narrador *trajector* na sua relação com o homem, porque na verdade o episódio de “quando calhava jantar pelas sete, [eu] quase sempre encontrava [ele]” é plausível em função da regularidade do jantar do homem em vez daquela do narrador. Para tratar a frase, T1 transforma a oração temporal “quando calhava jantar pelas sete horas” na oração independente “**我总是在下午七点用餐**” (eu jantava **sempre** às sete horas da tarde), maximiza a “minha” pontualidade, efetuando uma quase *specifying* do narrador. Ao falar do indivíduo “cujo aspeto, não **me** interessando a princípio, pouco a pouco passou a interessar-**me**”, as traduções dão outra vez frases cujo sujeito explícito é “eu”, enfraquecendo o papel do homem como *trajector* na sua relação com o narrador (ver Exemplo 2).

Exemplo 1

Costa: “There was a period in my life when a combination of economic necessity and a desire for peace and quiet **led me to frequent** just such a restaurant.”

T1: “在我生活中的某一段，出于一种必要的节俭，再加上喜好清静，**我经常来到**这样的一个餐馆。” (literalmente: Num período da minha vida, devido à necessidade de poupar e ao gosto pelo sossego, **eu vou frequentemente a um** restaurante como estes.)

Zenith: “There was a time in my life when a limited budget and the desire for quiet **made me a regular patron** of one of these first-floor restaurants”

T2: “有一段时期，由于经济能力有限而又要求清静，**我成为**某家这种一楼餐室的常客。” (literalmente: Houve um período em que, devido à dificuldade

financeira e ao desejo do sossego, **eu me tornei freguês** de uma destas salas de refeições no primeiro andar.)

T3: “有一段时间, **我**手头拮据, 又想图个清静, 便**成了**这间餐室的**常客**。” (literalmente: Houve um tempo em que, **eu** não tinha muito dinheiro e desejava sossego, **fiquei** então **freguês** desta sala de refeições.)

Pizarro: “O desejo de sossego e a conveniência de preços **levaram-me**, num período da minha vida, **a ser frequente** numa sobreloja dessas.”

T4: “有一阵子, **我**渴望清静, 又想省钱, 就**成了**这样一间餐厅的**熟客**。” (literalmente: Houve um período em que, **eu** desejava sossego e queria poupar dinheiro, **fiquei** então **freguês** de um restaurante como estes.)

Exemplo 2

Costa: “At first **I took little notice of him** but as time passed he came to interest me.”

T1: “开始的时候, **我**只是对他稍加注意, 随着时间推移, 他也对我有了兴趣。” (literalmente: No início, **eu prestei a ele um pouco de atenção**; com o passar do tempo, ele também ficou a ter interesse por mim.)

Zenith: “... a certain man who **didn't interest me** at first, but then began to.”

T2: “起初**我**并不在意, 后来慢慢对他发生了兴趣。” (literalmente: No início **eu não me importava**, depois e lentamente **fiquei a ter interesse por ele**.)

T3: “起初他并未引起我的注意, 但**我**渐渐对他产生了兴趣。” (literalmente: No início ele não chamou a minha atenção, mas gradualmente **eu fiquei a ter interesse por ele**.)

Pizarro: “... um indivíduo cujo aspeto, **não me interessando** a princípio, pouco a pouco passou a **interessar-me**.”

T4: “起初**我**对他并无兴趣, 渐渐地, 他引起了我的注意。” (literalmente: No início **eu não tive interesse por ele**, gradualmente, ele despertou a minha atenção.)

Ao indicar o espaço da história, T1 recompõe os pedaços de informação do prefácio original, descrevendo “**restaurantes** com atmosfera modesta e caseira” que ficavam curiosamente “em Lisboa” e ao mesmo tempo “nas vilas longes de comboios” e tinham “**um andar de cima** decentemente decorado” e “**um andar de baixo** dedicado a negócios normais” (paráfrase nossa de “在里斯本, 远离火车的小镇上, 会有一些楼上陈设体面而楼下买卖寻常的**餐馆**, 充满平实和家庭式的气氛”). Certa recomposição cabe ao tradutor chinês, pois não se vê na tradução de Costa. Os dois setores dos restaurantes são perfilados de cima para baixo. São especificados de forma oposta ao prefácio em português, provavelmente por causa da projeção da experiência de vida do tradutor. Dado que se se tratar de

um restaurante chinês de dois andares, normalmente o andar de baixo é um salão com mesas mais ou menos lotadas e no andar de cima ficam as salas privadas com serviços mais atenciosos. A confusão da localização dos restaurantes dever-se-á talvez a que o tradutor, na altura, não soubesse que “vila sem comboio” não combina com a construção municipal da metrópole moderna de Lisboa. T2 reconstrói o cenário ao dizer que “no andar de cima” de “algumas **tabernas** de aspeto deveras decente em Lisboa” há “**salas de refeições** cheias de sabores humildes da terra” como as “lanchonetes de vila sem ferrovia” (paráfrase nossa de “里斯本一些外观相当体面的酒馆，楼上都说有食肆。这些餐室就像没有铁路的小镇食店一样，充满朴素的家乡风味”). Tecnicamente, a frase está a perfilar tabernas, em vez de restaurantes com uma loja com feitio de taberna e uma sobreloja com outra feição; porém, consegue reconstruir a ideia de os estabelecimentos de comida em discussão terem duas zonas dedicadas a clientes de interesses diferentes. T2 herda a reconstrução da tradução de Costa “Installed on the upper floors of certain respectable taverns in Lisbon can be found a small number of restaurants or eating places, which have the stolid, homely look of those restaurants you see in towns that lack even a train station”, por muito que sintetize muitas expressões em inglês. T3 abre com a frase “Há em Lisboa um certo número de restaurantes” e vai logo falar de “**uma** sala de refeições normal” que fica “no segundo andar” de “**um** restaurante de aspeto decente” (paráfrase nossa de “里斯本有一定数量的餐馆，在其中一家外观体面的餐馆的二楼，有一间普通的餐室”), como se a existência dessa sala fosse o único caso em toda a cidade. Trata-se de um mau entendimento da tradução de Zenith “Lisbon has a certain number of eating establishments in which, on top of a respectable-looking tavern, there’s a regular dining room with the heavy and homey air of a restaurant in a small trainless town”. T4 consegue retratar a imagem dos lugares para comer compostos por dois setores com características próprias, embora literalmente não utilize a estrutura “sobre ... se ergue”.

No que tange ao uso de números aproximados, um exemplo óbvio vê-se no primeiro contacto entre “eu” e o protagonista. Na tradução do número na frase “Troquei com ele **uma** frase casual”, T1 emprega a expressão “一通”, que na sua origem significa um conjunto de 360 toques num tambor e atualmente se refere a uma sequência de ações para uma única finalidade; modificação semelhante existe na tradução de Costa “I made **some** banal comment to him”. T2, T3 e T4 não resistem a substituir “**uma**” por “几”, palavra de múltiplas classes que, quando usada como numeral, fala duma quantidade relativamente pequena, mas maior do que três. Embora seja um desvio semântico, a pluralização não trará estranheza para os leitores chineses, que costumam usar números aproximados com problemas não matemáticos.

Por fim, na explicitação da arte da revista *Orpheu*, todas as traduções trocam o sujeito na frase “a arte dos que escrevem em *Orpheu* sói ser para poucos” por algo mais concreto. Em T1, lemos “艺术家” (os artistas) que escrevem em *Orpheu* escrevem só para os poucos verem. Em T2 e T3, são “撰稿人” (os colaboradores) da revista quem “falam aos poucos” ou criam a arte para poucos. Em T4, são “作品” (as obras) em *Orpheu* muito especializadas. A explicitação será entendida como estratégia para evitar uma palavra abstrata e dotada de tantas conotações que causará problema na interpretação.

Traços particulares das traduções indiretas

Dedicamos uma seção exclusivamente às traduções indiretas pela sua forte presença na história de tradução do *LdoD* na China. Veremos com exemplos que, devido à intervenção dos textos intermediários em inglês, as traduções indiretas mostram maior variabilidade na conceção da história do que as traduções diretas.

Quanto ao contexto do construto, todas as três traduções indiretas mudam a ordem das razões que “me” levaram “a ser frequente” na sobreloja. Adiantam “a conveniência de preços”⁷ e deixam “o desejo de sossego” na posição segunda. A mudança caberá às expressões em inglês, “a combination of economic necessity and a desire for peace and quiet” de Costa e “a limited budget and the desire for quiet” de Zenith, fazendo com que a figura do narrador se incline ligeiramente de uma pessoa que desejava sossego para alguém atingido pela pobre condição financeira. Ao nomearem o espaço onde a história teve lugar, os textos em inglês adotam expressões genéricas “on the upper floors” e “on top”; T1 e T2 emprega a locução “楼上” (no andar de cima), T3 descreve-a por “在...二楼” (no segundo andar). A dificuldade em encontrar equivalentes em inglês ou em chinês para a palavra portuguesa “sobreloja” implicará diferenças na cultura arquitetónica e/ou nas atividades comerciais entre Portugal, os países de língua inglesa e a China. Ainda na *specifying* dos lugares para comer, as duas versões inglesas dizem que são de “a small number” e “a certain number”. T1 usa “一些” (alguns [restaurantes]), mas a edição mais antiga da tradução de Han usa “少量” (uma pequena quantidade), o que implica a possibilidade de o tradutor ter consultado o texto de Zenith na revisão da sua tradução⁸. T2 diz “一些” (algumas [tabernas]) e T3 diz “一定数量” (um certo número), sendo ambos coerentes com a tradução

⁷ Apesar de a expressão ser uma óbvia *specifying* da sobreloja, as traduções em chinês reformulam-na como a necessidade (T1, T2 e T3) ou a vontade (T4) de poupança do narrador. Para o caso de T4 não encontramos explicação precisa.

⁸ Han faz pequena revisão da sua tradução cada vez que sai uma nova edição. Ainda bem que todos os outros exemplos de T1 que usamos neste artigo não sofrem mudança nas revisões.

de Zenith. Todas as traduções indiretas alargam o número de restaurantes lisboetas em questão, que originalmente era “pequeno”.

Um outro exemplo engraçado é a tradução de “acabava fumando tabaco de onça”. Costa inventa a cena de “afterwards would smoke a cigarette rolled from **cheap tobacco**”; T1 reproduz a *specifying* do cigarro e mostra ao leitor chinês um personagem que fumava “用廉价烟草卷成的香烟” (cigarro enrolado de **tabaco barato**). Zenith cria a cena de “followed by cigarettes **that he rolled himself**”; T2 transmite fielmente a ideia de que o homem enrolava os cigarros que fumava com “自己手卷的纸烟” (cigarro **que enrolava ele próprio**); T3 aumenta ainda a dinâmica da frase com “卷烟抽” (**enrolava cigarros** para fumar). Temos aqui uma peça de informação constantemente processada e deformada.

A comparação de T1 com o seu texto-fonte mostra que a tradução em chinês guarda a maioria das recriações semânticas na tradução em inglês. Por exemplo, ambas as traduções comparam os clientes dos restaurantes com **esporádicos** do **livro** da vida (T1: “生活这本大书里的一些零星插曲”; Costa: “**parentheses** in the **book** of life”); descrevem o homem como “comia **frugalmente**” (T1: “吃得很省”; Costa: “ate **sparingly**”); explicitam que “jantar às nove e meia” era “mais tarde que o habitual” (T1: “比平常晚一些”; Costa: “later than usual”); e transformam a pergunta “se eu escrevia” para “se eu **era um escritor**” (T1: “我是不是一个作家”; Costa: “if I **was a writer**”). Em contrapartida, T1 contém também recriações por si própria. Por exemplo, a tradução desloca a história que aconteceu na sobreloja dum restaurante para o próprio restaurante, criando logo mudanças no contexto espacial, quer absoluto quer relativo, de todas as entidades adiante ativadas. Na apresentação do protagonista, abandona a ideia de “as time passed **he came to interest me**” e inventa o episódio de “com o passar do tempo, **ele também ficou a ter interesse por mim**” (随着时间推移, 他也对我有了兴趣). Engana-se com o que está a ser negado na frase longa “**Not** even the suffering apparent in his pale, unremarkable features added any interest to them **nor** was it easy to pinpoint the origem of that suffering”, dizendo que na sua aparência pálida não se encontrou nenhum traço de sofrimento nem era fácil de encontrar um (连一线磨难的痕迹也极难找到). Muda a ideia de “it was usually hard to see beyond” o abatimento que cobria o aspeto do homem, para “era difícil ver em **outras pessoas**” (在其他那里很难看到) o mesmo abatimento. Qualifica o modo de responder dele na cena de pugilato como “友善” (**gentilmente**) em vez de “he replied **in kind**”. Substitui o jeito do homem que “had [...] no **interest** in reading books”, pela condição de não ter “有趣的书” (livros **interessantes**) para ler”. Em suma, sentimos que o tradutor tem dificuldade em entender alguns pronomes, estruturas negativas e polissemias do inglês.

Em T2 e T3 também se pode verificar construção semântica que aprendem das duas traduções de Zenith. Um exemplo lê-se na apresentação da revista

Orpheu. As traduções especificam que era uma revista destinada a resenha literária porque Zenith fala de “the literary review *Orpheu*”, que em português é apenas “revista *Orpheu*”. Um outro exemplo é a *specifying* da voz do homem, que originalmente era “trêmula”, mas se tornou “hesitant” em inglês, e “犹犹豫豫” e “迟疑不决” (hesitante) em chinês. Em português, “trêmulo” e “hesitante” são sinônimos em algum contexto de uso, apesar de o primeiro se caracterizar mais por vibrações físicas e o segundo, por indecisão psicológica. Em inglês, porém, “trembling” e “hesitant” são raramente considerados sinônimos, por isso a nível puramente linguístico, trocar “trêmula” por “hesitant” (em vez de “trembling”) parece pouco adequado. No entanto, do ponto de vista da GC, formulamos a hipótese de que Zenith disponha da experiência em que “trêmulo” é usada para assinalar aspeto psicológico, e tal experiência seja ativada quando leu a frase “A sua voz era baça e trêmula”. Se a matriz das conotações de “trêmulo” e a de “hesitante” se sobrepuserem ligeiramente na mente do tradutor, é possível que a frase que leia, o contexto e o contexto da leitura, o seu conhecimento linguístico, o estatuto físico e mental no momento de ler o conduzam a associar a voz trêmula à instabilidade psicológica do personagem. Como resultado, a voz “hesitant”, “犹犹豫豫” ou “迟疑不决” leva aos leitores do inglês e do chinês um protagonista não preparado ou não acostumado às palavras súbitas dos outros, um homem ainda mais introvertido do que original. Um outro exemplo que altera um pouco a figura do homem vê-se no último parágrafo de T2. A tradutora não traduz “At a certain point”, retirando uma camada do escopo temporal da discussão sobre os hábitos de ler e escrever. A omissão impede os leitores em chinês da conversa antes da pertinente discussão, e apresenta-lhes um homem que foi diretamente ao tópico que se interessava, uma pessoa mais decisiva e/ou que venha com um forte senso de propósito.

Além disso, há algumas semelhanças entre T2 e T3 que talvez informem a influência do conhecimento da tradução antiga sobre a composição da tradução mais nova. Por exemplo, ao traduzir “a series of asides in life”, T2 aproveita a metáfora “人生舞台上的闲角” (**papeis ociosos no palco da vida**) e T3 faz referência a “生活舞台上的配角” (**papeis secundários no palco da vida**). Ao dizer que as pessoas que estavam na sobreloja correram “to the windows”, T2 acrescenta que correram para “看热闹” (ver o espetáculo) e T3 faz o mesmo.

Restam alguns exemplos em que os tradutores trazem ao texto traduzido informações aprendidas de outras partes do *Livro*. Por exemplo, ao apresentar o emprego do homem protagonista, a tradução de Zenith fala apenas de “worked in an office nearby”. T3 especifica que ele trabalhava numa “商号” (casa de comércio) ali perto, acrescentando a informação disponível no texto introdutório de Zenith (2015) e em alguns fragmentos do *Livro*.

Considerações Finais

Aproveitando a visão empírica e construtivista do *significado* e o método de análise textual comparativa, este artigo examina quatro traduções em chinês do prefácio “Há em Lisboa...” do *Livro do Desassossego*. Para sistematizar o estudo, foi criado um modelo de análise linguístico-textual a partir da teoria do construto langackeriana. A análise e interpretação das características comuns e peculiares das traduções em chinês comparadas com o prefácio em português e as versões intermediárias em inglês baseada neste modelo, leva-nos às seguintes conclusões.

Para responder à pergunta “de que forma e em que nível é que as traduções recontam a história contada no prefácio em português”, classificamos as quatro traduções desde uma alta até uma baixa semelhança com o prefácio original em Jin & Zhou (2022), Chen (2021), Liu, (2019) e Han (2019). Em termos do arranjo geral do construto, todas as traduções aumentam a interatividade do texto com o leitor, quer por meio de trazer *onstage* o ouvinte-leitor, quer através de enfatizar a presença do falante-narrador. Em termos do conteúdo, a mudança mais evidente regista-se na construção do espaço da história nas traduções indiretas, o que não afeta tanto as concepções da história e da imagem do protagonista, mas altera a concepção dos locais para comer e dos negócios de alimentação na cidade de Lisboa. De certa forma, a falta de experiência de vida em Lisboa dos produtores das três traduções indiretas priva os seus leitores de conhecer a cidade. Além disso, os casos de omissão, adição ou troca de palavras na tradução podem ser vistos como variações de forma de *profiling* ou de grau de *specifying*. Afinal, o construto e o conteúdo estão inter-relacionados na (re)construção do significado.

Constatamos, na tentativa de introduzir a teoria do construto na análise de tradução, que a visão construtivista da GC tem compatibilidade inerente com os estudos descritivo-explicativos de tradução. Por um lado, a visão construtivista contradiz o sentido *a priori*, associando o significado dum expressão linguística ao contexto de uso e ao próprio utilizador da língua. Por outro lado, é essencial que os estudos descritivo-explicativos de tradução conheçam a natureza empírica dos fenómenos tradutórios, e o facto de que o texto-fonte e o texto-alvo nunca terão o significado igual: são escritos em diferentes contextos e/ou por diferentes indivíduos. Assim sendo, parece-nos muito mais produtivo aceitar e estudar as diferenças intertextuais do que vê-las como falhas e problemas a evitar.

Bibliografia

- Casa Fernando Pessoa. 2022. "Jogo do Desassossego: traduções e recepção internacional". <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/cfp/visita/exposicao-temporaria/jogo-do-desassossego/depois-do-livro/traducoes-e-rececao-internacional?eID=>
- Chen, Shi (tra. & org.). 2006. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Changsha: Hunan Literature & Art Publishing.
- Chen, Shi (tra. & org.). 2021. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Cantão: Flower City Publishing.
- Coelho, Jacinto do Prado (pref. & org.), Maria Aliete Galhoz (trans.) e Teresa Sobral Cunha (trans.). 1982. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Lisboa: Ática.
- Costa, Margaret Jull (tra.), Maria José de Lancastre (org.) e William Boyd (intro.). 1991. *Fernando Pessoa / The Book of Disquiet*. London: Serpent's Tail.
- Fernández, Perfecto Cuadrado (tra.). 2002. *Fernando Pessoa / Libro del desasosiego*. Barcelona: Acantilado.
- Han, Shaogong (tra. & org.). 1999. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego* (1ª ed.). Xangai: Shanghai Literature & Art Publishing.
- Han, Shaogong (tra. & org.). 2019. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego* (5ª ed.). Xangai: Shanghai Literature & Art Publishing.
- Hermans, Theo. 2014. "Introduction: Translation studies and a new paradigm". In *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation* organizado por Theo Hermans, 7-15. New York: Routledge.
- Lakoff, George. 2006. "Chapter 6 Conceptual metaphor: the contemporary theory of metaphor". In *Cognitive Linguistics: Basic Readings* organizado por Dirk Geeraets, 185-238. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Lancastre, Maria José de (org.) e Antonio Tabucchi (pref.). 1986. *Fernando Pessoa / Il Libro Dell'inquietudine*. Milano: Feltrinelli.
- Langacker, Ronald W. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar Volume I: Theoretical Prerequisites*. California: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. 2006/2017. *Ten Lectures on the Basics of Cognitive Grammar*. Leiden & Boston: Brill.
- Langacker, Ronald W. 2008. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford & New York: Oxford University Press.
- Langacker, Ronald W. 2015. "6. Construal". In *Handbook of Cognitive Linguistics* organizado por Ewa Dąbrowska e Dagmar Divjak, 120-143. Berlin & Boston: Walter de Gruyter.
- Lefevere, André. 2014. "Why waste our time on rewrites? The trouble with interpretation and the role of rewriting in an alternative paradigm". In *The*

- Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation* organizado por Theo Hermans, 215-243. New York: Routledge.
- Liu, Yongjun (tra.). 2019. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Pequim: China Friendship Publishing.
- Jin, Xinyi e Miao Zhou (tra.). 2022. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Pequim: Beijing United Publishing.
- Kovadloff, Santiago (tra.). 2000. *Fernando Pessoa / Libro del desasosiego*. Buenos Aires: Emecé.
- Pizarro, Jerónimo (org.). 2014. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Ponto Final. 2018. “A minha ligação a Macau é através de traduções de livros”. <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2018/04/19/a-minha-ligacao-a-macau-e-atraves-de-traducoes-de-livros/>
- Portela, Manuel & António Rito Silva (orgs.) 2017. *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. <https://ldod.uc.pt/>
- Robbins, Philip & Murat Aydede (eds.). 2009. *The Cambridge Handbook of Situated Cognition*. New York: Cambridge University Press.
- Shapiro, Lawrence. 2014. *The Routledge Handbook of Embodied Cognition*. London & New York: Routledge.
- Toury, Gideon. 2012. *Descriptive Translation Studies and Beyond (Revised Edition)*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Yi, Bin & Yuan Huang. 2021. “Correspondência entre Peng Yanjiao e Chen Shi na década de 1980”. *Arquivo da Nova Literatura*, 44(3): 50-60.
- Yi, Bin. 2013. “A morte silenciosa de Chen Shi e a desolação cultural de Peng Yanjiao”. https://www.douban.com/note/287972302/?type=rec&_i=4145453B3uyir9,7204107nCYFioy
- Yu, Shumin. 2021. “A amizade entre Chen Yuan, Huang Qiuyun e Chen Shi: camaradas de Pequim, Guangzhou e Hong Kong”. https://epaper.gmw.cn/zhdsh/html/2021-12/08/nw.D110000zhdsb_20211208_1-14.htm?div=-1
- Zenith, Richard (org.). 1998. *Fernando Pessoa / Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Zenith, Richard (tra. & org.). 2002. *Fernando Pessoa / The Book of Disquiet*. London: Penguin Books.
- Zenith, Richard (tra. & org.). 2015. *Fernando Pessoa / The Book of Disquiet*. London: Penguin Classics.
- Zhang, Weimin (tra. & org.) 1988. *Antologia de Fernando Pessoa*. Macau: Instituto Cultura de Macau.

Zhou, Miao. 2016. "A tradução e a introdução da obra de Fernando Pessoa na China". *Pessoa Plural*, 9(1): 270-281.

Zhang Yujia, licenciada em Estudos Portugueses e metrada em Tradução na Universidade de Macau, trabalha como docente da Universidade Normal de Shandong desde 2017. É doutoranda da Universidade Politécnica de Macau desde outubro de 2022. Recebe orientação do Prof. Dr. Osvaldo Silvestre da Universidade de Coimbra e dedica-se nos estudos cognitivos de tradução e nos estudos de tradução português-chinês.

Contato: yujiazhang92@126.com

Recebido: 29/05/2023

Aceito: 27/05/2024